



CIDADE: A CULTURA EXPRESSA NA PAISAGEM

Ana Bela dos Santos¹

RESUMO: O presente artigo relata o resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem por objetivo uma reflexão teórica sobre a cidade e sua paisagem cultural. A pesquisa destaca alguns processos coletivos que são relevantes para a caracterização do espaço urbano e do lugar enquanto manifestação de identidades. Apresenta, também, um desenho de aproximações sucessivas, considerando a flexibilidade do tema, através da apreensão de alguns conceitos, garantindo assim a interdisciplinaridade da discussão.

PALAVRAS CHAVE: Cidade; Espaço; Expressão; Paisagem Cultural

1 INTRODUÇÃO

Quando observamos um dado espaço o que nos salta aos olhos são as formas como cada sujeito atua. Estas ações são traçadas nas identidades e se afirmam nas singularidades culturais, históricas e sociais, representando, mesmo que parcialmente, os afetos que permeiam as relações do cotidiano. Esta pesquisa tem como objetivo perceber como a paisagem urbana pode ser considerada o cerne na construção das identidades dos grupos sociais que povoam a cidade. Compreendendo que a cultura cidadina é fator fundamental para forjar nos indivíduos o sentimento de pertencimento e de resistência às formas de totalitarismos engendradas pela globalização. Apresentamos ainda uma problemática centrada nas interfaces cidade, cultura e paisagem, norteados por uma paisagem cidadina de luta constante na manutenção e reinvenção das identidades dos grupos sociais.

Através do estudo bibliográfico iremos traçar um enredo que apresenta a cidade como a soma dos inúmeros quotidianos vividos e partilhados. Considerando que estar na cidade é entrar em contato com uma heterogeneidade de sentidos, onde qualquer sujeito quando indagado sobre o seu lugar de afeto tende a responder sobre o espaço onde estão pessoas importantes de sua vida e que fazem ou fizeram parte de sua história.

Esta breve apresentação tem como finalidade pautar a cidade como paisagem de vivências em um emaranhado de sentidos, trazendo a tona discursos próximos, embalados por interlocuções realizadas nas ações simples e rotineiras dos sujeitos. Este espaço se apresenta como um vitral, onde as pessoas sobrepõem os símbolos, os significados e os significantes da história local.

Alguns autores da Geografia afirmam que compreender a cidade é desenhar o processo para onde se caminha na expansão do município e dizer isto é o mesmo que dizer que em uma reforma urbana mais bairros serão criados a fim de acolher a população das cidades. Outros autores compreendem a cidade de forma mais catedrática, como um lugar cimentado e que reflete indagações e tensões de sujeitos em busca de ascensão social e de desejo por crescimento.

Mas e o que é uma cidade? O que é um prédio, uma casa, uma rua, ou uma praça? O que todos esses locais têm em comum? Poderíamos afirmar que são expressões materializadas do trabalho humano? Formas concretas de vida, que demonstram a heterogeneidade na ocupação do solo, no uso dos terrenos urbanos e nos tipos de habitação? Ou que a cidade é onde moramos, onde mantemos nossas relações de afeto e onde construímos nossa história?

Nem todos os moradores da cidade sabem responder prontamente a esta pergunta, nem todos os sujeitos percebem que a cidade é também construída cotidianamente por eles, e por todas as inúmeras relações estabelecidas no espaço urbano. Observar a cidade é uma questão de informação, problematização e reflexão diante do que os nossos olhos percebem na paisagem urbana, e nem todos estão treinados para este feito.

Quando pensamos na cidade onde vivemos temos o hábito de nos prendermos a informações distantes. A cidade embala nossos discursos em suas construções colossais, e nas interlocuções realizadas através de ações econômicas e políticas. Este espaço se apresenta muitas vezes como um emaranhado difícil de ser apreendido.

¹ UNICENTRO. Universidade Estadual do Centro-Oeste (*campus* Irati) – Paraná, Brasil. Formada em Geografia e Psicologia, Mestranda-Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (Master inCommunity Development), Disciplina de Patrimônio Cultural e Comunidade, Turma 2014. Anapsico2013@hotmail.com.



As grandes paredes de concreto se sobrepõem ao homem e as formas visíveis muitas vezes escondem os símbolos, os significados e significantes da história local.

O mundo que observamos é criado e recriado nas relações que o homem mantém com a natureza e com os demais sujeitos sociais, este sujeito busca compreender o mundo que habita, criando diferentes modos de entendê-lo e explicitá-lo. Ao longo deste processo ele amplia constantemente o domínio sobre a natureza, somando aos espaços novos significados e novos valores.

A cidade é um destes espaços em constante transformação, a forma da cidade é em parte a aparência, é o mundo da manifestação do fenômeno. Permite a constatação da existência de um meio, ao mesmo tempo em que é a representação das relações sociais. A paisagem urbana, enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento muitos momentos vividos por determinada população (Mello, 2008). Ela se apresenta como um lugar onde as relações entre pares se materializam, é um espaço em constituiguidade, dinâmico e que expressa a memória dos homens, seus grandes feitos e suas formas de atuar.

Segundo Corrêa (2005) “o espaço urbano é o conjunto de usos da terra justapostos entre si”. É o lugar do movimento e de tudo o que pode e deve ser questionado, um lugar onde as coisas são criadas e recriadas em novas formas de ruptura. Abreu (2009), ao falar sobre as cidades, aponta que por muito tempo a cidade foi analisada pela ciência através de seus aspectos exteriores, o estudo da paisagem urbana permitiu redimensionar este processo, observando a cidade “por dentro”, através de seus símbolos e de sua memória, compreendendo assim que as relações com a paisagem urbana são determinadas no cotidiano, para além do convencional (Abreu, 2009). A cidade tornou-se paisagem, lugar e local, uma folha em branco na qual a população escreve e reescreve diariamente suas histórias, operando transformações sociais.

Para Neiman, Mendonça e Schlindwein (2008, p. 116), cada experiência individual carrega uma percepção, sob o ponto de vista psicológico, a partir de processos cognitivos apreendidos, muitas vezes carregados de “reflexos e impressões fugazes, tanto no ambiente físico e social, como no imaginário”. São estas impressões que são retratadas na experiência e na forma como as pessoas se identificam com os lugares, visto que as relações são construídas simbolicamente.

Enquanto paisagem urbana, a cidade tem a sua dimensão cultural, e é aquilo que é reproduzido e expresso pelo homem. É o formato do trabalho materializado e também a manifestação de várias propensões sociais. Este espaço é compreendido como a enunciação do simbólico e aparece com uma forma específica a fim de ser apreendido pelos sujeitos que o observam. É a partir daquilo que aparece aos olhos que as questões se colocam e as lutas se desencadeiam (Rocha, 2009). É um sítio privilegiado para o questionamento, onde os movimentos sociais ganham um lugar e criam novas formas de ruptura. É a materialidade da história dos homens, normatizada por ideologias, é a solidez do pensar, sentir, consumir e criar.

Este espaço pode ser considerado como a expressão mais contundente do processo de produção da humanidade sob a égide das relações desencadeadas pela formação econômica e social capitalista. Estamos diante de uma realidade espacial que nos lembra da natureza e que nos inebria e nos dá a dimensão de pertencimento ao mundo produzido pelo homem (Abreu, 1998).

Na cidade, a separação homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloquente. É onde o homem, muitas vezes neutralizado por suas preocupações imediatas, deixa de perceber o espaço como um modo de vida, esquecendo-se que o urbano produz ideias, comportamentos, conhecimentos, valores, formas de lazer, e também uma Cultura.

A Cidade é um fazer-se intenso e ininterrupto. A história da paisagem urbana nos mostra os fatos vividos pelos homens, os sinais do tempo, e as profundas marcas impregnadas nas formas dos lugares. Esta paisagem traz consigo a experiência do inacabado, das imagens se fazendo e refazendo sobre sua natureza.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Longe de apreender toda a complexidade das vivências da cidade, objetivamos com esta pesquisa possibilitar um aprofundamento teórico diante dos conceitos que caracterizam a cidade enquanto objeto de análise. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a Pesquisa Bibliográfica, que se utiliza de documentos na contextualização histórica do tema, com o objetivo de investigar e levantar informações a respeito do tema, sem manipular os dados ou interferir diretamente na realidade. Conforme Jardimino, Santos e Rossi, 2000 e Severino, 2002; sua função é a de investigar, levantar informações sobre o tema escolhido.

A relevância da pesquisa configura-se na urgência de estudos que revelem a cidade como um espaço em constante transformação, permitindo ao leitor compreender este lugar como a expressão de uma identidade cultural e que se caracteriza como paisagem presente nas relações existenciais. As interfaces apresentadas projetam a busca por tecnologias e inovação de gestão pública que intensifiquem os estudos e metodologias de ação, a fim de desenvolver projetos comunitários que levem em conta as identidades que se apresentam nas cidades.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O mundo da vida cotidiana é ordenado e organizado em torno do aqui e agora, um mundo em comum e de significados compartilhados. O espaço produzido em cada momento é único e terá significado singular na existência dos sujeitos. Este conjunto de símbolos é experimentado em diferentes graus de aproximação e distância, tempo e espaço e isto irá também caracterizar as diferenças entre os hábitos de cada grupo.

O lugar onde o homem atua é a realidade em excelência, é o espaço onde é investido atenção e interesse. Ao nascer somos inseridos em um universo onde os objetos já são designados a um determinado fim. Através da linguagem eles são assimilados e adquirem sentido, do mesmo modo que dão sentido a vida cotidiana através dos novos símbolos aprendidos (Berger; Luckmann, 1985).

Berger e Luckmann (1985) defendem que quando é necessário um deslocamento de atenção para as significações fora da vida cotidiana este fenômeno pode ser considerado de natureza mais radical, havendo tensão da consciência. Há uma relação estabelecida entre sociedade, organismo e o tempo interno do homem e esta relação o define espacialmente, fazendo com que o sujeito mantenha determinado padrão na vida cotidiana, a fim de conservar-se na realidade.

A linguagem é a ferramenta que possibilita as objetivações desta experiência do indivíduo, incentivando a assimilação e a interpretação de novas experiências, dentre elas a experiência cidadina. Identificada como um espaço social, a cidade é onde os sujeitos compartilham, é a paisagem é a expressão deste lugar de interação, tanto com pessoas próximas como com as mais distantes.

Durante muito tempo a cidade foi analisada pela ciência apenas através de seus aspectos exteriores, o estudo da paisagem urbana nos permitiu redimensionar este processo, observando a cidade “por dentro”, através de seus símbolos e de sua memória, compreendendo que as relações com a paisagem urbana são determinadas no cotidiano, para além do convencional (Abreu, 1998).

Costa e Gastal (2010) apontam que o conceito de paisagem surgiu nas artes plásticas, especialmente, no Renascimento, onde ela era vista apenas como um cenário decorativo. Na época do Romantismo europeu (meados do século XVIII), a paisagem - ainda concebida como sinônimo da natureza - começou a ser um tema dominante nas pinturas, deixando de ser um artefato meramente ilustrativo (Costa e Gastal, 2010).

Em seus primórdios a noção de paisagem estava muito relacionada ao contexto natural, importando apenas caracterizar os elementos que constituíam os ambientes naturais. Os aspectos sociais e culturais não eram explicitados. Os sujeitos eram apenas objetos pintados em um cenário fixo. A modificação dos espaços e o desenvolvimento na mobilidade urbana proporcionaram uma nova interpretação da paisagem, o homem tornou-se parte em movimento, um objeto fluxo, conseguindo assim observar a paisagem enquanto se locomovia (Gusmão, 2003).

A Geografia demorou a perceber a riqueza deste conceito, segundo Claval (1999), o conceito de paisagem foi trazido aos escritos Geográficos apenas no final do século XIX, período em que a ciência passou a preocupar-se com os artefatos materiais produzidos no espaço. A Geografia Cultural propôs-se então a compreender como a sociedade multicultural organizava e transformava o espaço através de novos significados e novas vivências, visto que, de acordo com Cosgrove e Jackson (2007, p.141), “cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos significativos, ao qual dão sentidos e atrelam valores”.

A palavra cultura categoriza um conjunto de crenças e valores, e sempre estará relacionada a um sistema de símbolos, que acabam por originar as identidades culturais manifestadas socialmente através dos aspectos memoriais simbólicos (Cunha, 2009).

A etimologia da palavra Cultura remonta ao pensamento greco-latino clássico e, curiosamente, seu significado inicial está relacionado à natureza, na medida em que expressa a ideia de cultivo (latim *colere* = cultivar). Essa palavra é datada do fim do século XIII, oriundo do verbo *colo*, cultura apresenta afinidades filológicas com *colônia*, sugerindo assim o processo de cultivo de uma terra outra. Com a complementação do sentido, cultura passou a designar o cuidado com o espírito (*cultura animi*), o cuidado com as plantas e o cultivo da terra (*agricultura*), com os deuses e o sagrado (*culto*), estendendo-se, por fim, às crianças (*puercultura*), no sentido amplo de educação (*Paideia*). O termo adquiriu presença significativa em muitos idiomas europeus no início da era moderna e seus primeiros usos preservaram o sentido original de cultivo agrícola, posteriormente, no início do século XVI em diante, o termo passou a significar também o processo de desenvolvimento humano, isto é, o refinamento pessoal e da alma (Rocha e Tosta, 2010).

Durante muitas décadas os estudos acerca do termo cultura estiveram vinculados à civilização, tornando-se de certa forma discriminatório diante de determinadas populações. No século XIX o conceito foi ampliado e falar sobre cultura era também promover discussões sobre educação e arte, além de revelar outros elementos subjetivos dos discursos sociais (Forquim, 1993).

A cultura, que por muito tempo significou a observação do crescimento natural das coisas, tornou-se, no decorrer da história, a expressão da aprendizagem, um treinamento social, que implicava na reprodução de um conjunto de símbolos que detinham importantes significados para determinado grupo social.



De acordo com Schneider (1988) a cultura é formada por um sistema de símbolos “é bastante distinta dos padrões de comportamento observado; com efeito, os dois devem ser considerados independentes um do outro” (Kuper, 2002, p. 173). Schneider nos convida a analisar a cultura, através da repetição das ações enunciadas no coletivo e no cotidiano das coisas, tornando o símbolo uma referência, dando-lhe sentido e tornando-o uma necessidade para os sujeitos em ação.

Ainda Schneider (1995, como citado em Kuper, 2002) caracteriza o símbolo como algo que representa mais do que observamos, como um elemento em que não existe uma relação necessária ou intrínseca entre o objeto e aquilo que ele simboliza, sendo que não apenas os símbolos são arbitrários, mas os próprios referentes, as coisas ou ideias que eles representam (Kuper, 1995, p. 173- 174).

Os símbolos são constructos sociais e tornam-se a materialização de um povo, de um lugar, de uma nação, sendo eles capazes de acionar novas formas de comunicação, de produção e reprodução da vida cotidiana. Nunca encontraremos dois povos exatamente iguais culturalmente, e isso ocorre justamente por que cada sociedade é formada por um contingente organizado de pessoas, norteadas pelo mesmo conjunto de leis e normas, regidas pelos mesmo símbolos e, que de alguma forma, aprenderam a viver juntas para a própria manutenção da sociedade.

McDowell (1966) acrescenta a *cultura* o termo *herança* afirmando que somos sujeitos dotados de uma herança social, que se define no dia a dia. O autor afirma que a cultura, como um dos objetos de estudo da Geografia, deve analisar os elementos do cotidiano, a paisagem cultural, levando em conta como o movimento social ocorre, observando as representações naturais, os estudos dos símbolos das paisagens culturais e a construção social das identidades dos lugares.

Corrêa e Rosendhal (1998) apresentam ainda a paisagem cultural como multidimensional, uma paisagem em constante metamorfose, com uma dimensão histórica/ espacial e uma dimensão transtemporal, que tem a capacidade de agregar valor ao lugar, que une o passado e presente, sendo um acervo de interlocuções. A paisagem cultural apropria-se de um lugar multifuncional, associando aspectos sociais, culturais e naturais.

Esta perspectiva de análise tem o poder de consolidar a organização espacial através: da memória, da identidade de uma dada população, e do patrimônio contido nestes espaços. Nestes termos a paisagem cultural pode ser vista não somente através da sua materialidade, mas também pela sua imaterialidade, pelas cores de um dado lugar, pelas lutas firmadas em um determinado sítio, pela arquitetura trazida com a migração de específico povo, e em especial pela dinâmica característica das cidades.

Uma cultura é sempre um grupo organizado de padrões, normas, crenças, leis naturais, convenções, entre outras coisas, é um processo de transformação constante, onde o indivíduo produz a sociedade em que está inserido e é reprodutor de determinado padrão. Esse processo, porém, não se realiza com facilidade.

A construção da identidade de cada um, o lugar onde este se encontra, o cargo que ocupa na sociedade, todos estes elementos irão interferir na construção do sujeito, que irá depender de fatores que vão desde as limitações econômicas, sociais, culturais, físicas, até as possibilidades que lhe são apresentadas. A estratificação social e o lugar que o indivíduo habita dentro da cidade, lhe fornecerá instrumentos para atuar na vida social, sendo este parte integrada do coletivo.

De acordo com Cosgrove e Jackson (2007, p.141), a identidade é construída na identificação com uma dada paisagem cultural sendo que “a cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos significativos, ao qual dão sentidos e atrelam valores”. A antropologia nos ensinou muito sobre isto e permitiu-nos perceber que somos todos pedaços de uma dada cultura, sendo ela construída singularmente por cada povo no processo de identificação. Geertz (1978) analisa este conceito e afirma que tudo que é produzido pelos seres humanos é cultura e que cada uma delas confere ao que é produzindo um significado circunscrito. Para este autor a Cultura é um contexto, dentro do qual os símbolos podem ser descritos de forma inteligível e onde os fatos inovadores nascem e evoluem numa reprodução espontânea (GEERTZ, 1978). Desse modo compreendemos que a cultura não se faz como um conceito estático ou findado, mas como a parte viva, dinâmica e singular, de um povo.

Laraia (1986), em “Cultura: Um Conceito Antropológico” apresenta a cultura como o cerne do homem, afirmando que em nome dela as sociedades vivem, se organizam e buscam melhorar”. Para Laraia a cultura é responsável pelas distintas formas de adaptação, reprodução e conservação da sociedade e, por mais que existam inúmeras diferenças entre uma cultura e outra, todas emergem de normas e princípios elementares que devem ser considerados com seriedade e cientificidade (LARAIA, 1986). O conjunto destes símbolos e a singularidade das relações destes povos é que farão com que a porção de um determinado espaço se transforme e possa tomar a conotação de “lugar”.

O lugar faz referência a uma entidade única, um conjunto especial, e que detêm uma história social, ele encarna as experiências e aspirações das pessoas, é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob uma nova perspectiva (TUAN, 1979). Fazer parte de um lugar é respeitar que este ambiente tem uma função (cultura/tradição/língua/hábitos) e isto se dá por que a identidade de um lugar pressupõe as relações características do indivíduo, uma vez que as pessoas fazem uso da paisagem cultural como recurso e como memória do seu passado. Muitos não percebem, mas estão permeados pelas relações banais do cotidiano,



relações que se caracterizam como pertença a determinadas marcas culturais e que fazem dos sujeitos um espelho das memórias que nem sempre são suas.

Hall (2005) nos fala sobre este processo e caracteriza o sujeito como aquele que se identifica com o grupo e sem perceber que o faz. Este autor apresenta três concepções de identidade e de uma forma simplificada nos auxilia a compreender minimamente o discurso de cada uma delas. Em primeiro o autor nos aponta o sujeito do Iluminismo, sujeito totalmente individualista, centrado, e unificado em suas concepções masculinas. A seguir, a noção de sujeito Sociológico, que se constrói na relação com os outros através da interação. E por fim, o sujeito Pós-moderno, considerado como um sujeito híbrido e sem identidade fixa, perpassado por diferentes discursos, provenientes de diferentes culturas. Através de seus estudos Hall demonstrou que o sujeito tem condições de assumir diferentes culturas, sendo este definido pela história de sua nação, região, cidade, bairro e pela história de sua família. Delineando a identidade "(...) ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento" (HALL, 2005).

Nas sociedades contemporâneas, as grandes cidades passam por um processo contínuo de reconstrução, onde modernizar tornou-se o novo estereótipo, preservar a memória de um lugar fez-se economicamente inviável. Tal processo contínuo de reconstrução vem ao encontro da visão de alguns gestores públicos que acreditam que o antigo é velho e "sem serventia" e que, para uma cidade acompanhar o processo de modernização e desenvolvimento, se faz necessária a presença de prédios imponentes e contemporâneos, concedendo-lhe um falso ar de poderio (Gusmão, 2003).

É importante observar que a cidade acontece através de sua história, e de como podemos conhecer e preservar os referenciais de identidade e memória de cada um destes lugares. É necessário discutir sobre os meios para a preservação e conservação de tais ambientes que fizeram e fazem parte do contexto social do grupo, perceber os padrões culturais que configuram as formas de atuação social como homogêneas, compreender os pensamentos, sentimentos e ações, assim como os objetos que lhes são correlatos.

Considera-se que a sensibilização a respeito dos espaços seja uma alternativa para tornar viável a preservação dos locais de memória nas cidades. Compreendemos que só é lembrado aquilo que ainda é tomado como necessário pelo coletivo, mas também é parte vital da história das cidades que estratégias de ação sejam realizadas em prol da conscientização e do treinamento do olhar diante do que é do grupo.

O habitante da cidade deve aprender a apreender a cidade como seu habitat, dando importância aos patrimônios citadinos, efetuando interlocuções entre as camadas sociais, e percebendo a cidade como uma paisagem formada pela cultura de um povo, pela história de um lugar.

Sob esta ótica, a cidade não pode ser enunciada apenas como um lugar frio e cimentado, mas sim como o palco onde se revelam inúmeras transformações sociais e culturais. Ela é paisagem, é uma folha em branco na qual todos temos a opção de escrever e reescrever diariamente nossas histórias, operando modificações e criando novas formas de relação.

Segundo Souza e Angelo (2008) os lugares de memória e de cultura de uma cidade são também lugares de história. Compreendendo-se, assim que história e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um "acontecido" que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e a ver através de discursos e imagens (Souza e Angelo, 2008).

Uma cidade é uma paisagem cultural, detentora de história e memória, assim como o é enquanto comunidade simbólica, que detém uma determinada identidade. É neste contexto que a memória realiza a sua função, pois consegue comunicar o passado do grupo a sua realidade presente.

A paisagem urbana é uma findável quantidade de moradias e edificações, que se reproduzem como o sistema e o capital, mas é também um momento multiplicado em muitos, é a ação dos sujeitos. A paisagem é aquilo que muito tem a representar, é o lugar onde o coletivo se renova e se fortalece na vida diária.

4 CONCLUSÃO

A preservação da paisagem cultural é um tema moderno e direcionado principalmente, ao desenvolvimento de algumas atividades como a economia e o turismo, estas ciências trabalham incansavelmente em uma perspectiva de manter as histórias e a cultura dos lugares. Cada cidade, com suas características principais, constrói formas de atuar na paisagem a fim de conservar a memória local.

Como forma de parênteses, ao final deste trabalho, pretendemos ampliar nosso horizonte e defender a paisagem cultural das cidades como possível potencial também para o ensino das ciências humanas.

A paisagem urbana é viva e deve ser conservada numa visão integral (material e imaterial), valorizando a identidade cultural de cada lugar, para que as memórias locais sejam mantidas.

Com efeito, para que esse diálogo se desenvolva é necessário que adotemos uma postura interdisciplinar, mais integradora, no sentido de unir líderes comunitários e professores que detenham o poder de conscientizar as pessoas para a preservação da memória das cidades.



Este é um movimento que exigirá de todos o comprometimento diante da história de um povo, formulando e reformulando a todo instante a real necessidade da preservação de tais lugares, de suas edificações e de seus artefatos.

Por fim, concluímos que a cultura age como um sistema de comunicação cujo código cada grupo passa a decodificar, isto é, a compreender. O objetivo da educação interdisciplinar está na ampliação do olhar dos sujeitos diante da cidade, percebendo o espaço urbano como uma paisagem em movimento, e incentivando os sujeitos a fim de que estes formulem questões importantes e que redimensionem sua vida também através da memória de seu grupo social.

REFERÊNCIAS

- ABREU. M. A. **Sobre a Memória das Cidades**. Revista Território, Rio de Janeiro, n. 4, p. 05-16, jan./jun. 1998. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_2_abreu.pdf>. Acesso em: 04 de jun. de 2014.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CLAVAL. P. A **Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4ª Ed. São Paulo, Editora Ática, 2005.
- COSGROVE. D. E.; JACKSON. P. **Novos rumos da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). Geografia Cultural: Um Século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000 p. 15-32,.
- COSTA. L. C. N; GASTAL. S. **A Paisagem Cultural: Possibilidades e limites**. In: 1º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem, Patrimônio e Projeto: desafios e perspectivas, 2010. Anais ... Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CUNHA. M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- GEERTZ, C. **“Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados”**. In, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- GUSMÃO. N. M. M de. (org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.
- FORQUIM. J. C. **Escola e cultura -as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KUPER. A. **Cultura - a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986
- MCDOWELL. L. **A transformação da Geografia Cultural**. In GREGOY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social (Org.). Tradução: Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966, p.159 -187.
- MELO E. M. **A paisagem em foco: leituras fotográficas de Jardim do Seridó/RN**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN.
- ROCHA. G. & TOSTA S. P. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



SOUZA. L. A; ANGELO. R. B. **Cidades (in)visíveis: imagens, caminhos, fotografias e representações. Discursos fotográficos.** Londrina, v.4, n.5, p.159-178, jul./dez. 2008.
SCHNEIDER. D. **American kinship: a cultural account.** New Jersey: Prentice Hall, 1968.